

UMA EXPERIÊNCIA DE ESCUTA SENSÍVEL E EXPRESSÃO ARTÍSTICA – A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Andréia Haudt da Silva
Universidade Federal de Pelotas – UFPEL
hs.andreia@gmail.com

Resumo

Este trabalho tem como objetivo compartilhar uma experiência de escuta sensível e expressão artística, desenvolvida com uma turma de pré-escola, composta por crianças de 4 a 5 anos de idade, numa escola situada na cidade de Pelotas – Rio Grande do Sul. A experiência que foi proposta às crianças, tem como base uma escuta musical e a produção de um desenho. É pautada com o propósito de perceber se a música é capaz de criar um efeito expressivo aos nossos sentidos, e se a criação de uma escuta mais sensível influencia na produção de um desenho. Muitas vezes a música enquanto arte deixa de ser contemplada nas escolas, é abordada uma obra, uma canção, por exemplo, que deve ser interpretada, a escuta sensível algumas vezes se perde em busca da reprodução do que é ouvido. O ato de desenhar, embora deva ser livre, não exime o professor de uma proposta que cria meios para que este ato possa ser permeado por um contexto que favorece a expressão artística. Realizo uma articulação entre a experiência desenvolvida e os autores que falam sobre a importância da educação sensível, do papel das artes na educação e da promoção de vivências estéticas, destacando a importância de uma educação infantil pautada na promoção de vivências ricas em experiências sensoriais no campo das artes. Desta forma, trago para subsidiar esta discussão, autores como Duarte Jr. (1986, 2000, 2012), Vigotsky (2010) e Zamperetti (2011), que contribuem para pensar a arte e a educação como áreas que se entrelaçam e que precisam ser contempladas desde a mais tenra idade.

Palavras-chave: Infância; Arte-Educação; Estética.

Apresentação da experiência

A experiência apresentada ocorreu com um grupo da educação infantil, da Escola Municipal Dr. Brum Azeredo, situada na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, no mês de maio do ano de 2017, onde atuo como professora de uma turma da pré-escola. O grupo é composto por 15 crianças, com idade entre quatro e cinco anos.

O propósito inicial era perceber se a música seria capaz de criar uma condição favorável à expressão artística por meio do desenho, se a criação de uma escuta mais sensível influenciaria a expressão artística das crianças. Para isso, foi proposto a turma que ouvissem com atenção dois concertos do compositor Antonio Vivaldi: “La Primavera” em seu 1º movimento Allegro e “L’Autunno” em seu 2º movimento Adagio.

Os dois movimentos pensados para a atividade realizada foram ouvidos em momentos distintos, mas numa mesma manhã, cada criança recebeu uma folha em branco e teve a disposição uma caixa de giz de cera, logo após, as crianças foram orientadas a fazer um desenho ouvindo música, foram sugeridas a fechar os olhos antes de iniciar o desenho e a prestar atenção ao som que ouviam, em seguida deveriam desenhar “seguindo seus sentimentos” enquanto a música continuaria a ser executada.

Durante a execução da proposta algumas reações e comentários das crianças chamavam a atenção, olhares que demonstravam curiosidade, admiração, medo,... Ao som de “La Primavera” os comentários eram: “olha, que bonito!”, “vou fazer um sol!”, “olha os olhos dele!”, “mas sol não tem olhos”, “o meu tem”, “eu vou fazer uma bonequinha”.

Predominou ao som deste movimento o uso de cores variadas, de desenhos figurados; as crianças socializavam entre si e mostravam seus desenhos umas as outras com entusiasmo.

Concluída a atividade com a escuta de “La Primavera”, a turma foi convidada a ouvir “L’Autunno”, os primeiros comentários foram: “ai, que medo!” “profe, é música de terror?” “eu tô com medo da música!”, lembro de ter dito: “não precisa ter medo, a música não vai te pegar” ao que a menina me perguntou: “não vai?” respondi novamente que não, mas neste momento me perguntei em silêncio “será que não vai pegar?” Eu poderia ter noção dos sentimentos que a música iria despertar nela? Outra criança comentou: “parece música de baile, mas dá medo”, a socialização diminuiu e cada criança se mostrou mais introspectiva e focada em seu desenho, predominaram formas abstratas.

Articulação entre a teoria e a prática

Aponta Vigotski (2010, p. 342), que “como qualquer vivência intensa, a vivência estética cria uma atitude muito sensível para os atos posteriores e, evidentemente, nunca passa sem deixar vestígios para o nosso comportamento”. É esta vivência capaz de nos conectar ao mundo através dos sentidos. Para Duarte Jr. (2000, p.14), “o mundo antes de ser tomado como matéria inteligível, surge a nós como objeto sensível”. Nossa sensibilidade aguça a curiosidade, a vontade de experimentar coisas novas e criar. E o corpo é o receptor de diferentes sensações. “É o corpo que conhece o mundo antes de podermos reduzi-lo a conceitos e esquemas abstratos próprios de nossos processos mentais” (DUARTE JR, 2000, p.132) por isto a imobilização do corpo e do sentir não cabem ao universo da educação

infantil, e nem ao mundo como um todo, mas cabe a mobilidade, os sentimentos, as expressões, as criações.

Zamperetti (2011, p.174) afirma que “[a] negação do corpo e de sua expressão acompanha e promove a separação e distanciamento entre o observado e o observador, entre o Homem e a Natureza”. Em concordância com esta ideia, foi possível perceber que o primeiro contato do grupo com a música ocorreu através do corpo, que recebeu por meio dos sentidos o som. Som este que provocou uma resposta sensorial ao ambiente, impressa por meio de cores, formas e palavras. Sentimento puro internalizado pelo corpo e exteriorizado também por ele. A escuta atenta e sensível resultou em um fazer artístico diferenciado e marcado por uma experiência onde o sentir se sobressaia.

Duarte Jr., compreende que,

Mais do que nunca, é preciso possibilitar ao educando a descoberta de cores, formas, sabores, texturas, odores, etc. diversos daqueles que a vida moderna lhe proporciona. Ou, com mais propriedade, é preciso educar o seu olhar, a sua audição, seu tato, paladar e olfato para perceberem de modo acurado a realidade em volta e aquelas outras não acessíveis em seu cotidiano. (DUARTE JR., 2000, p.29)

Relaciono o exposto por este autor novamente as contribuições de Zamperetti (2011, p.174) quando ela afirma que: “Esquecemos de que, é este corpo-abrigo do sujeito que constrói a ciência, a matemática, a cultura e a política, que aprende artes e movimenta-se em direção ao conhecimento sensível, às emoções e às aprendizagens de suas aptidões e limites”.

Através de uma vivência ou experiência, o corpo, permeado por seus sentidos, (o tato, a audição, a visão, o olfato) tem a oportunidade de contemplar o estético, o sensível, aquilo que nos toca. De acordo com Duarte Jr, é a experiência estética que provoca espanto e maravilhamento com o mundo, assim, o autor aponta que: “A obra cria em mim uma experiência de ‘como se’: frente a ela é como se eu estivesse vivenciando a situação que ela me propõe, com todas as maravilhas, dores e prazeres que isso me desperta” (DUARTE JR, 2012, p. 3-4), lembro-me das crianças ao dizerem “tô com medo”, lembro-me dos maravilhamentos causados por La Primavera e do espanto demonstrado em L’Autunno.

Uma dúvida anterior à aplicação da experiência era referente à possibilidade da música aflorar ou não algum sentimento, alguma mudança de comportamento em crianças tão pequenas. As crianças não só sentiram algo como souberam colocar suas impressões com relação ao que ouviam verbalizando e conversando sobre seus sentimentos, cada forma expressa no papel com suas cores e intensidades davam mais notoriedade ao que sentiam.

A primeira forma de contato com o mundo se dá por nossas vivências. Duarte Jr.(1986, p. 33), ressalta que “A razão é uma operação posterior à vivência (aos sentimentos). Vivenciar (sentir) e pensar estão indissolúvelmente ligados”. É este autor que em outra obra ainda evidencia que

A educação do sensível nada mais significa do que dirigir nossa atenção de educadores para aquele saber primeiro que veio sendo sistematicamente preterido em favor do conhecimento intelectual, não apenas no interior das escolas mas ainda e principalmente no âmbito familiar de nossa vida cotidiana. (DUARTE JR., 2000, p.15)

É preciso permitir que a promoção do sensível ocupe o lugar que lhe cabe nas vivências infantis, que a arte esteja articulada à educação formando um rico mosaico que cumpre o papel de encantar e despertar os sentidos.

A experiência relatada serve para ilustrar que podemos através das práticas educativas contemplar os sentidos, aguçar uma escuta sensível envolta de expressão artística. Podemos ir além, educando também o olhar, o paladar, também o olfato, como já citado por Duarte Jr,

O que se consegue de inúmeras maneiras, incluído aí o contato com obras de arte. Não nos esqueçamos, portanto, da arte culinária, dos perfumes e cheiros, das paisagens e noites estreladas, das frutas colhidas e saboreadas ‘no pé’, das caminhadas por trilhas e bosques, enfim disso tudo de que a vida moderna nos vem afastando. (DUARTE JR., 2000, p. 29)

A escola como espaço de vivências tem de ser capaz de garantir experiências que permitam o encantamento e até mesmo o assombro, isto garante uma rica organização de sentimentos e impressões. Quanto mais a criança se relaciona com o que lhe toca, encanta ou assombra, mais capacidade para compreender o *seu eu* ela terá.

Lembro que após ouvirmos os movimentos de Vivaldi, convidei a turma para fazer uma roda e conversamos sobre os desenhos de cada um e a experiência de desenhar ouvindo música. Questionei se havia sido agradável a atividade, se percebiam diferença nas músicas, se poderíamos dizer que uma era mais alegre e outra mais triste, ao que me surpreendi quando eles disseram que sim, que uma era “boa de ouvir” e que a outra era “triste”, que “dava medo”, mesmo assim disseram que gostaram das músicas. O que me fez pensar que de fato houve uma vivência estética, através de uma obra musical as crianças tiveram contato com sentimentos que não vivenciariam naquele momento se não fosse por meio de uma manifestação artística. Para Vigotski (2010, p.332), “certa passividade e certo desinteresse são premissa psicológica obrigatória do ato estético”, entretanto o autor também salienta que uma

obra de arte não é percebida em completa passividade ou somente pelos ouvidos e olhos “mas através de uma atividade interior sumamente complexa, na qual o contemplar e o ouvir são apenas o primeiro momento, o primeiro impulso, o impulso básico”.

Uma vivência estética permite uma relação de identificação, encantamento, estranhamento ao que se apresenta, nem sempre notável de forma consciente, mas que se torna impressa na nossa relação estabelecida com o objeto percebido, como exemplo: o choro que ocorre ao ver um filme, o riso frente a um quadro, a criação de um poema, os comentários das crianças durante a experiência aqui apresentada, os desenhos como reação ao que foi ouvido e como manifestação de algo que precisava ser dito. Impressionantemente a vivência estética é desencadeada por algo que chega do exterior, internaliza-se carregado de sentidos e é transmitido ao exterior novamente. Ela precisa ser oportunizada nas escolas desde a educação infantil, e a experiência aqui apresentada ilustra que mesmo crianças tão pequenas são capazes de perceber obras artísticas com olhos e ouvidos contemplativos, e possuem uma habilidade natural (mas que precisa ser instigada) para manifestar o que percebem, o que lhes toca e sensibiliza.

Referências

DUARTE JR, João Francisco. **Por que Arte –Educação?** 3. ed. Campinas: Papirus, 1986.

_____. **O Sentido dos Sentidos: A Educação (do) Sensível.** 2000. 234f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

_____. Entrevista. **Revista Contrapontos** – Eletrônica, Vol. 12 - n. 3 - p. 362-367 / set-dez 2012. Disponível em:

<<http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/viewFile/4039/2387>> Acesso em: 19 Jun. 2017.

VIGOTSKI, Lev. Semenovich. **Psicologia Pedagógica.** 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

ZAMPERETTI, Maristani Polidori. A Experiência, o Corpo e a Memória na Escola – Reflexões no ensino das Artes Visuais para Crianças. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.173-188, jul./dez. 2011. Disponível em:

<<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2080>> Acesso em: 19 Jun. 2017.